

Ética e manipulação na fotografia de natureza

Categories : [Adriano Gambarini](#)

Depois de um longo sumiço por aqui (e espero não mais fazê-lo), retomo estas linhas com um assunto que sempre norteou meus caminhos: a ética. Talvez pelos conceitos que embasaram minha educação, talvez pelo fato de ter tido um pé na ciência e por trabalhar quase que exclusivamente na documentação sistemática de pesquisas, o fato é que a ética sempre foi o alicerce da minha vida pessoal e profissional. E talvez por isso eu tenha sido convidado por Marcos Sá Corrêa (um dos melhores jornalistas que este país já conheceu) a compor o grupo de colunistas do ((o))eco, em seus primórdios como portal de assuntos ambientais; no meu caso, como responsável pela análise das fotografias.

A geração desta era digital fotográfica está seguindo por caminhos confusos. A manipulação exagerada nas fotografias tem tornado qualquer cromo (o popular *slide*) um objeto insosso e pálido. Mas cabe aqui ressaltar que esta pequena fotografia de origem química nada mais trazia do que senão a realidade. A **verdade** da cena documentada. O cromo sempre foi o retrato fiel da capacidade do fotógrafo em documentar a realidade. Em trazer as informações visuais ou informativas daquilo que estava sendo registrado. Logicamente naquela época também haviam alterações maliciosas, mas estou desconsiderando estes casos, afinal, mau caráter não se cura e aquele que o tem é capaz de deturpar ou mentir sobre qualquer realidade em benefício próprio.

Mas com o advento dos recursos digitais, os fotógrafos (ou aqueles que se autodenominam assim), viram um universo de possibilidades em alterar a realidade documentada. Saturam exageradamente as cores, tiram e acrescentam informações, colocam luz onde não existe e apagam o que incomoda; brincam de serem Deus em seu pequeno mundo computadorizado. Obviamente gosto não se discute e qualquer um pode fazer o que quiser com suas fotos, desde que estas manipulações estejam bem esclarecidas para os leitores que leem essas fotos. Mas não é isto que tem acontecido. Milhares de imagens alteradas flutuam no universo virtual, carregam informações distorcidas, falsas, sem o menor pudor daqueles que as transmitem. E o que é pior, não percebem que ao enganar o leitor está enganando a si próprio, pois antes de registrar uma cena, o dito fotógrafo é antes de tudo um leitor daquela cena. Ou seja, ao alterar e manipular o que viu, torna-se culpado e cúmplice ao mesmo tempo.

“(...) arrisco ainda afirmar que não existe um biólogo especializado em ornitologia ou entomologia que não tenha se deparado com a foto de algum animal conhecido e pensou: “Eu conheço este pássaro, este besouro; eles não têm esta cor!””

Sobre a manipulação de fotos de vida silvestre, arrisco ainda afirmar que não existe um biólogo especializado em ornitologia ou entomologia que não tenha se deparado com a foto de algum

animal conhecido e pensou: “Eu conheço este pássaro, este besouro; eles não têm esta cor!”

Sem falar das fotos do alvorecer ou paisagens montanhosas, com aquela luz agradável e sutil do fim da tarde, sendo transformadas numa paleta de cores que nenhum espectro de luz é capaz de explicar. Confesso que não entendo porque estes fotógrafos (ou quem se autodenomina assim) precisam exagerar tanto na manipulação de uma fotografia. Para que torná-la algo tão exageradamente colorida a ponto de transformá-la em algo surreal e fantasioso?

Enfim, tudo isto não seria problema se estas imagens permanecessem nos domínios de seus criadores. Tudo isto seria um problema menor se o impulso em corromper a realidade não transpusesse algumas barreiras éticas. Tudo estaria resolvido se distinguissem fotografia de arte digital. Mas recentemente o falso conceito de que tudo é permitido neste mundo moderno atingiu definitivamente a fotografia, com a denúncia da manipulação de uma cena. Uma fotografia realizada por um brasileiro (e neste caso, nem arrisco a defini-lo como fotógrafo, pois o que ele fez é inadmissível para meu conceito de ética), [vencedora de um dos mais importantes concursos de fotografia de natureza do mundo](#), foi denunciada como falsa. Uma montagem vergonhosa de uma cena que envolvia um animal silvestre brasileiro. Especialistas na espécie averbaram uma série de contradições nas características biológicas do animal e da situação documentada, que corroboraram a denúncia.

Definitivamente, um tiro no pé da fotografia brasileira ante o mundo. E não é a primeira vez que uma fotografia é revelada como falsa nesse concurso tão renomado, que carrega em seu nome a sigla de um dos canais de comunicação mais importantes sobre meio ambiente. Cabe agora o meu desejo que surjam duas reações a este descabido acontecimento: que sirva de exemplo às próximas gerações de fotógrafos digitais do que **não** pode ser feito, e que a instituição responsável por este concurso crie normas de ajuste de conduta, não aceite imagens manipuladas em qualquer instância, mesmo que seja “apenas um inofensivo ajuste na cor”; enfim, crie regras mais rigorosas para que as futuras imagens submetidas tragam de volta os valores éticos e profissionais da verdadeira fotografia.

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/colunas/adriano-gambarini/o-arduo-caminho-para-proteger-o-pato-mergulhao/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/adriano-gambarini/29095-pesca-da-piracatinga-o-boto-rosa-nao-pode-ser-isca/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/adriano-gambarini/27577-hoje-e-dia-do-cerrado-mas-nao-vou-comemorar/>

